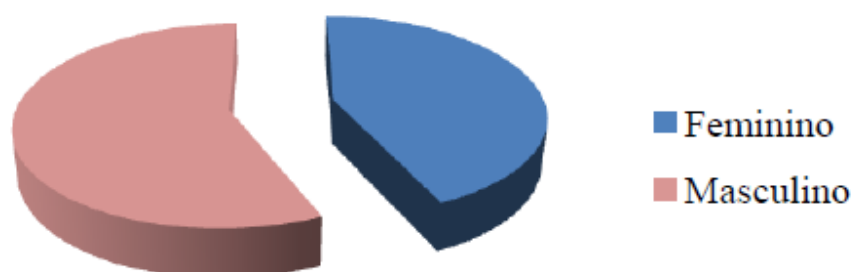


ANEXOS

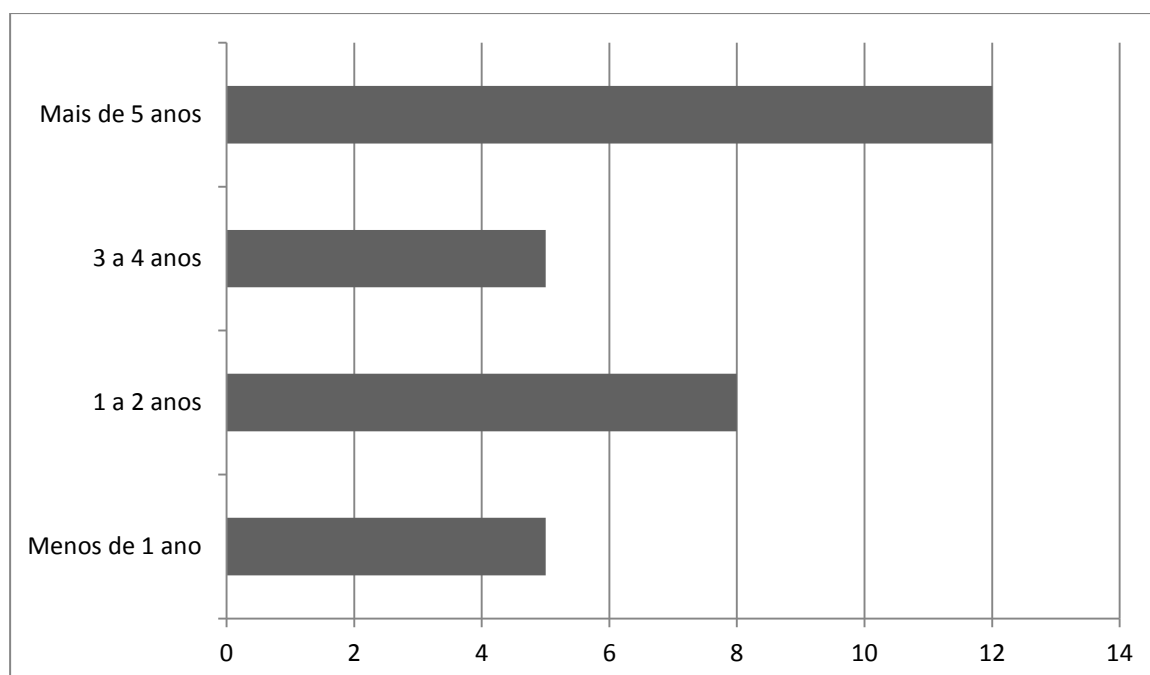
ANEXOS I

Gráfico 1 – Distribuição de crianças e jovens por gênero



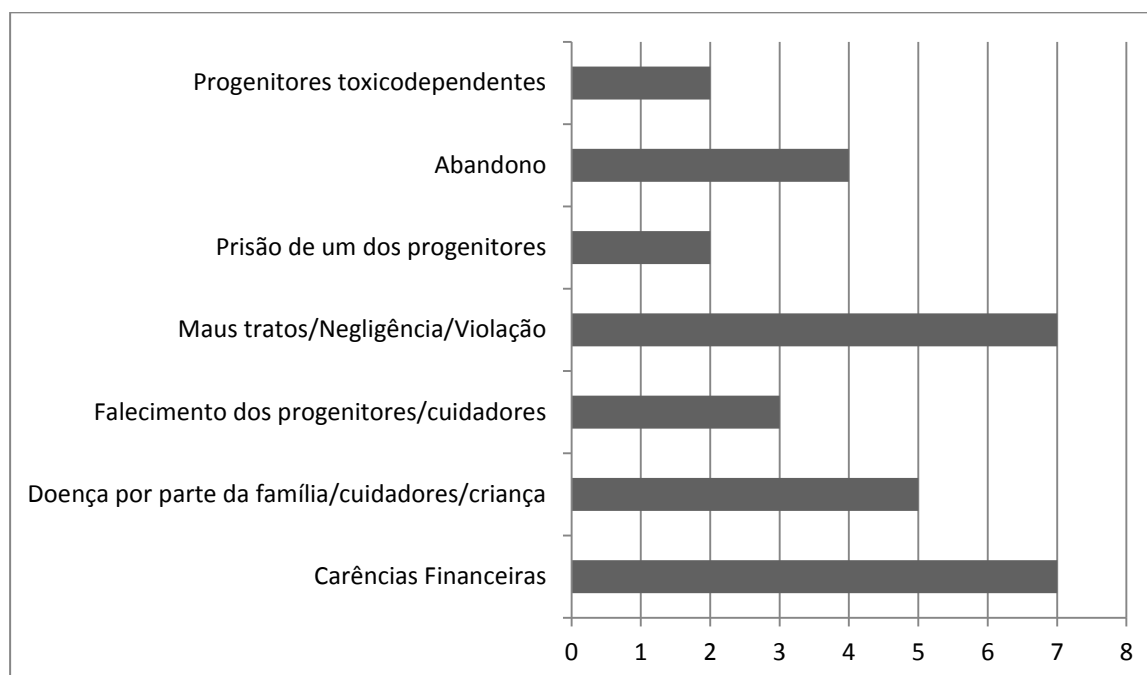
Fonte: Autora

Gráfico 2 - Distribuição de crianças/jovens pelo tempo de permanência em acolhimento residencial



Fonte: Autora

Gráfico 3 – Distribuição dos motivos que contribuíram para a situação de risco das crianças/jovens da Associação Protectora da Criança



Fonte: Autora

Quadro 1 – Variáveis que caracterizam as tendências de evolução do meio envolvente de uma organização

Contexto	Possíveis variáveis
Económico	Taxa de desemprego, custos energéticos, taxa de poupança.
Social	Distribuição geográfica, composição étnica, estrutura etária, taxa de analfabetismo, aspetos culturais.
Político	Enquadramento legal, legislação laboral, estabilidade política, exigências contabilísticas.
Tecnológico	Inovação tecnológica, inovação dos processos, incentivos à inovação, normas de qualidade.

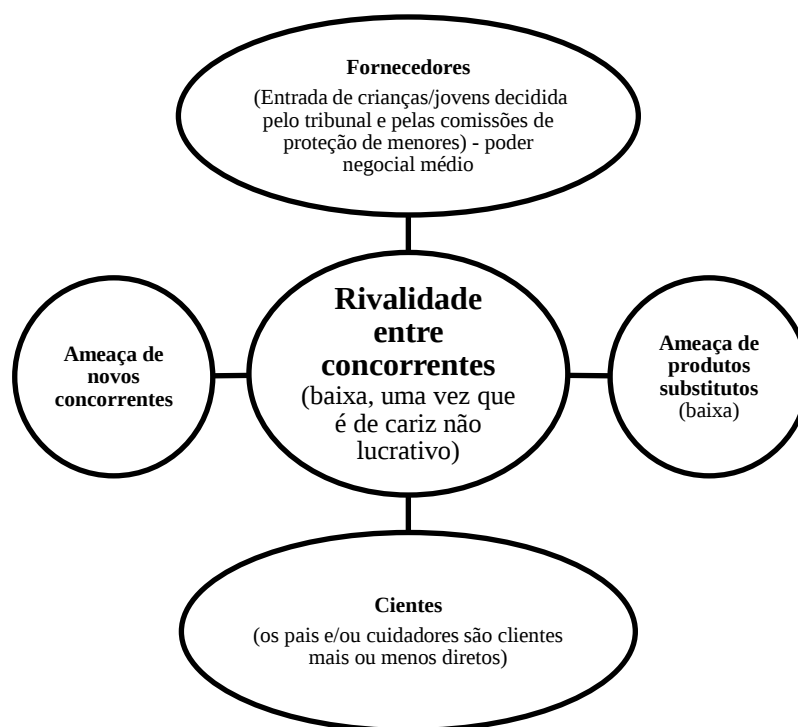
Fonte: Gomes, 2010

Quadro 2 – Caracterização das crianças da APC

<i>Letra/Número identificativo da criança/jovem</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Tempo na APC</i>	<i>Número de irmãos na APC</i>	<i>Motivo para o ingresso na APC</i>	<i>Autorização para visitar familiares</i>
A	F	16	1 ano	0	Violação, maus tratos	Não
B	M	13	2 anos	2	Doença oncológica por parte de um dos progenitores (mãe)	Sim
C	F	6	2 anos	2	Doença oncológica por parte de um dos progenitores (mãe)	Sim
D	M	15	2 anos	2	Doença oncológica por parte de um dos progenitores (mãe)	Sim
E	M	8	6 meses	0	Carências financeiras	Sim
F	M	14	3 anos	2	Falecimento de um dos progenitores (mãe)	Sim
G	M	16	3 anos	2	Falecimento de um dos progenitores (mãe)	Sim
H	F	5	8 meses	1	Maus tratos/ Negligência	Não
I	M	2	8 meses	1	Maus tratos/Negligência	Não
J	F	10	9 anos	0	Abandono	Não
K	M	15	10 anos	0	Doença (esquizofrenia) por parte da criança	Sim
L	F	12	1 ano	0	Carências financeiras	Sim
M	F	7	5 anos	0	Maus tratos/ Negligência	Não
N	M	13	4 anos	0	Abandono	Sim
O	F	9	8 anos	1	Prisão de um dos progenitores (mãe)	Sim
P	M	10	7 anos	0	Carências financeiras	Sim
Q	M	8	7 anos	1	Progenitores toxicodependentes	Não
R	F	8	2 anos	0	Maus tratos/ Negligência	Sim
S	M	6	1 ano	2	Carências financeiras/família numerosa	Sim
T	F	8	9 meses	2	Carências financeiras/família numerosa	Sim
U	F	9	9 meses	2	Carências financeiras/família numerosa	Sim
V	M	13	3 anos	0	Carências financeiras	Sim
X	M	7	6 anos	1	Progenitores toxicodependentes	Não
W	F	18	3 anos	2	Falecimento de um dos progenitores (mãe)	Sim
Y	M	12	2 anos	0	Maus tratos/ Negligência	Não
Z	M	11	8 anos	0	Invalidez por parte de um dos progenitores (mãe)	Não
1	F	14	9 anos	1	Abandono	Não
2	F	14	11 anos	0	Maus tratos/ Negligência	Não
3	M	17	8 anos	1	Prisão de um dos progenitores (mãe)	Sim
4	M	15	9 anos	1	Abandono	Não

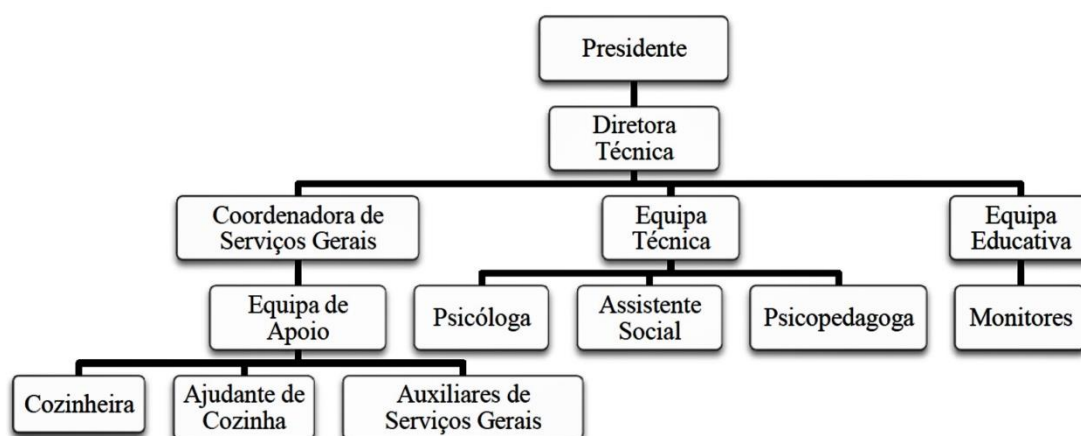
Fonte: Processos Individuais das crianças e jovens internos da *Associação Protectora da Criança*.

Esquema 1 – *Modelo das cinco forças*



Fonte: Gomes, 2010 (com adaptação da autora)

Esquema 2 – *Organograma da Associação Protectora da Criança*



Fonte: Associação Protectora da Criança

ANEXOS II

Grelha de situação de observação na *Associação Protectora da Criança*

Identificação do espaço:	
Dia da semana:	
Hora de observação:	
Data de preenchimento do registo de observação:	
Posicionamento do observador face ao cenário de observação:	

Categorias	Dimensões	Descrição
I.Cenário das práticas sócio-institucionais	1. coordenadas temporais	Data; Duração da observação; Identificação das atividades desenvolvidas no local.
	2. Coordenadas espaciais	Identificação do espaço (local de observação) Descrição da ambiência geral (sons, cheiros).
II. Atores sociais	3. Agentes presentes nas atividades da associação (crianças e jovens, voluntários, equipa técnica e funcionários)	Número de indivíduos presentes, idade, género, caracterização dos grupos presentes, modos de apresentação (vestuário), identificação dos agentes, modos de interação dos grupos presentes (relações entre técnicos, funcionários, voluntários e as crianças/jovens).
III. Atividades de apoio	4. Atividades desenvolvidas	Interação entre os indivíduos presentes; Comportamento corporal dos agentes; Marcadores de divulgação e meios utilizados pelos indivíduos durante a realização das atividades (telemóvel, computador, livros, rádio, jogos...).
III.Atividades desenvolvidas	5. Demais atividades	Ações de formação, saídas e passeios.

Grelha de situação de observação no programa *Investir no Futuro*

Identificação do espaço:	
Dia da semana:	
Hora de observação:	
Data de preenchimento do registo de observação:	
Posicionamento do observador face ao cenário de observação:	

Categorias	Dimensões	Descrição
I. Cenário das práticas das ações	1. Coordenadas temporais	Data; Duração da observação.
	2. Coordenadas espaciais	Identificação do espaço (local de observação) Descrição da ambiência geral (sons, cheiros).
II. Atores sociais	3. Públicos	Número total de crianças e jovens presentes, idade, género, caracterização dos grupos presentes, modos de apresentação (vestuário e acessórios).
	4. Constituição da equipa técnica	Identificação dos elementos da equipa técnica; Modos de interação com as crianças e jovens.
III. Atividades do <i>Projeto Investir no Futuro</i>	5. Antes da realização das atividades	Descrição e explicação do que se vai fazer; esclarecimento de dúvidas.
	6. Dinâmicas durante a realização das atividades	Interação entre as crianças e jovens durante as atividades, empenho, receios, autonomia e responsabilidade – comportamento corporal.

	7. Depois das atividades	Comentários das crianças e dos elementos da equipa técnica, discussões, avaliação anonima da atividade.
--	--------------------------	---

ANEXOS III

Transcrição da entrevista a um voluntário da *Associação Protectora da Criança*

I. Caracterização sociodemográfica

Nome: Maria Alves

Idade: 54

Género: Feminino

Habilitações literárias: Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas

Estado civil: Casada

Filhos: Sim

Há quanto tempo exerce voluntariado? E especificamente nesta instituição? Exerço voluntariado na APC há 3 anos, sendo aqui o primeiro local onde o fiz.

II. Dimensão sociocultural

E: Quais os motivos que estiveram na base da decisão de se tornar voluntária, nomeadamente na *Associação Protectora da Criança*?

M: *Sempre quis fazer algo diferente, que fizesse a diferença e ajudasse quem mais precisa. Como já dei aulas ali na escola, cheguei a ser diretora de turma de duas crianças daqui... por isso mesmo tinha que manter contacto com o encarregado de educação, na altura a Dra. Ana, e foi assim, quando terminou o ano letivo perguntei se era possível ajudar de alguma forma aqui e foi assim que surgiu a oportunidade de vir cá duas vezes por semana dar explicações às crianças.*

E: Na sua ótica, qual é a principal vantagem social do trabalho desenvolvido?

M: *As crianças têm muitas dificuldades, não têm bases. Há crianças que têm enormes capacidades mas por falta de estímulo, acompanhamento individual contante deixam-se ficar e não conseguem demonstrar o que valem. O professor é cinco estrelas, mas é só um, e não consegue acompanhar cada um deles individualmente como desejaria. O meu principal papel é dar esse acompanhamento, ajuda-los e perceber as dificuldades específicas de cada um.*

Muitas vezes devido aos problemas que tiveram e que apanharam os primeiros anos de escolaridade, é necessário um trabalho constante com elas e por vezes tenho que lhes explicar coisas que supostamente já deviam saber à priori. Hum, penso que esta é a principal vantagem, hum.. saber que complemento o trabalho diário do professor e isso é bom. É o que me faz estar aqui e querer continuar, é ver as notas deles a subir e melhorar, falar com os meus colegas lá da escola e saber que eles progrediram.

E: Como caracteriza as crianças e os jovens da Associação Protectora da Criança?

M: A meu ver, as crianças estão muito felizes aqui. Não noto diferença entre estas crianças e aquelas que estão comigo na escola. Têm os mesmos interesses, gostam das mesmas brincadeiras... Se bem que às vezes noto que necessitam de muito carinho. Gostam que centremos a atenção toda neles.

E: Considera que o ingresso na Associação Protectora da Criança contribui para uma alteração da trajetória de vida da criança ou do jovem?

M: Sim, totalmente. Apesar de ser uma mudança radical na vida destas crianças, muito mais perceptível quando estamos perante jovens, porque resistem muito ao facto de se afastarem do seu meio, dos amigos principalmente, porque acham que vão ficar presos... mas sem dúvida que aqui estão muito mais seguros, têm boas condições, são guiados no bom caminho. Muita gente pensa que isto é um bicho de sete cabeças, uma prisão, mas a realidade não é essa. Somos todos família, e eles aqui têm a família que nunca tiveram... é melhor estarem aqui, terem regras e aprenderem a viver bem do que estarem na rua, sem rumo, nem destino, nem planos.

III. Dimensão socioinstitucional

E: Como descreveria o trabalho que desenvolve nesta instituição?

M: Em primeiro lugar tento incutir nas crianças e nos jovens o gosto pelo estudo. Faço um trabalho complementar com o professor. Ele tem um plano com os testes que eles vão tendo e através desse plano vamos ajustando as nossas possibilidades. Ele [professor] sabe que o português, inglês e francês é comigo [risos]. Deixo as crianças à vontade, têm o meu contacto, principalmente as mais velhas que estão a estudar para o exame nacional. Caso eu não possa vir e tenham alguma dúvida é só dizer e eu nem que seja por telemóvel faço o meu

voluntariado [risos], é mesmo gratificante... Principalmente quando eles me vêm mostrar as boas notas! Faço fichas com eles, treino a leitura, a gramática... Basicamente onde têm mais dificuldades. Às vezes é necessário pegar em matérias anteriores para lhes explicar as atuais... Eles queixam-se, e às vezes são preguiçosos! Mas eu dou-lhes a volta! [risos]

E: Na sua opinião, existe alguma relação entre a classe social da criança e a sua situação de risco?

M: Não se pode dizer isso. Problemas há em todas as famílias, se bem que na minha opinião nos meios onde há dinheiro, esse dinheiro serve para encobrir muita coisa, enquanto nos meios mais desfavorecidos já não dá pra fazer isso, é mais fácil descobrir que uma mãe que mal trata um filho num bairro do que uma mãe que mal trata um filho num condomínio fechado... lá está, é fechado. Pra juntar a isto a própria sociedade faz com que isso seja assim, ficamos muito escandalizados se soubermos que o filho do dono de uma multinacional foi para uma instituição do que se for o filho do trolha.

E: O que é para si esta associação?

M: É uma casa, uma família, uma oportunidade de crescer enquanto pessoa.

E: Mantém contacto com alguma criança que já tenha abandonado a instituição?

M: Não, contacto propriamente dito não porque a minha experiência me diz que eles não têm tendência em voltar... é como na escola não é? Deixamos o ciclo e não voltamos lá, ou o secundário... aqui também é assim. Poucos são os que voltam e eu ainda não tive o privilégio de ver algum jovem, quer dizer, adulto já, a voltar cá para visitar. Se passarem por mim na rua não me viram a cara nem mudam de passeio, cumprimentam, falam, e com sorte ainda vamos lanchar. Já aconteceu! [risos]

E: Da minha parte é tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que não tenha sido dito?

M: Não, assim que me esteja a lembrar agora não.

E: Muito obrigada pela disponibilidade.

M: Nada, obrigada eu.

Transcrição da entrevista a uma funcionária da Associação Protectora da Criança

I. Caracterização sociodemográfica

Nome: Ester Moreira

Idade: 46

Género: Feminino

Habilitações literárias: 6º ano

Estado civil: Casada

Filhos: Sim

Há quanto tempo é funcionária da Associação? 15 anos

II. Dimensão sociocultural

E: Quais as funções que desempenha na Associação?

E: Costumo dizer que sou uma faz-tudo [risos] de manha, sou eu que chamo as crianças, acordo-as e vou encaminhando até ao pequeno almoço... Elas é que fazem as camas, aí é assim, cada um faz a sua cama, só os pequenitos é que não, e tenho sempre que os ajudar a vestir, mas também conto com a ajuda das maiores para isso. Elas principalmente mimam-nos mais. Depois do pequeno almoço tomado junto a pequenada e levo-os à escola... aí já não só aqueles que levantei da cama... não. Estão mais, os de fora que os pais vêm cá deixar de manhã. Então... levo-os ali à escola e regresso pra fazer as minhas obrigações. A cozinha não é comigo, mas faço as camas que ficaram por fazer, procuro tesourinhos que podem estar debaixo das camas [risos] junto a roupa suja toda e trato disso na lavandaria. Para além disso há sempre coisas a fazer... recados. Ir aos correios, à farmácia... Quando dou por mim já é hora de os ir buscar outra vez para almoçar. Depois do almoço levo-os novamente pra escola, às vezes sou eu, outras vezes a Rita [professora], e tarde há mais coisas pra fazer... quartos pra limpar, roupa pra arrumar... aqui não se para. Eles são muitos, tenho que me coordenar muito bem para não misturar roupas por exemplo. Mas eu já os conheço bem... não podia ser de outra maneira não é?

E: Como caracteriza as crianças e os jovens da Associação Protectora da Criança?

E: São todos bons meninos. Alguns têm mais problemas do que outros, é normal, não são todos iguais... Uns portam-se melhor outros pior, mas isso é como tudo. Às vezes é preciso termos muita paciência com eles, saber lidar... Eu aprendi que estes miúdos se calhar já passaram por mais sofrimento na vida do que eu, por isso não se pode dizer qualquer coisa e sobretudo eu gosto que eles sintam que são importantes para mim.

E: Tem acesso aos processos das crianças, tem conhecimento da razão que as levou a estarem na associação?

E: Não, não... Não deixam. Mesmo por causa da segurança das crianças... não sabemos o porquê delas estarem aqui, porque isso podia fazer com que as tratássemos de forma diferente, é o que dizem as doutoras mas eu até nem concordo. Se eu soubesse o passado das crianças podia saber lidar melhor com elas, não sei. É óbvio que não ia estar a decorar o que aconteceu a quem, nem ia julgar, mas não sei até que ponto isto assim é positivo. Não sei. Há coisas que sei porque me contam, as crianças mesmo... Mas se é ou não verdade, isso já não vou saber.

E: Considera que o ingresso na Associação Protectora da Criança contribui para uma alteração da trajetória de vida da criança ou do jovem?

E: Sim, claro. Por isso é que aqui estão... Eu sei que há muita gente por aí com dificuldades, é a realidade. Muitos dos miúdos que estão aqui passaram fome e frio, sei que alguns viviam em barracos e aqui têm conforto. Pode não ser uma mansão cinco estrelas, mas têm coisas boas aqui, andam limpos, ninguém lhes faz mal. A própria conjuntura do país é que leva a que muitos pais não consigam ter os filhos com eles... Não lhes conseguem dar de comer nem têm para eles próprios! Muitos quando vêm cá perguntam se ainda tenho as sobras do almoço e pedem para levar... é complicado.

III. Dimensão socioinstitucional

E: Na sua opinião a Associação cria condições para que as crianças consigam ser autónomas no futuro?

E: Eu penso que sim, principalmente as mais velhas já vão fazendo umas coisinhas... Na minha opinião, acho que deveriam ser mais incentivadas a saber tratar das suas próprias

coisas por exemplo... Apesar de serem autónomas porque recebem semanada e têm que saber lidar e gerir esse dinheiro, há outros aspetos em que acho que deveria haver um empurrão maior. Por exemplo, se eu estiver a recolher a roupa seca, ou a estendê-la, não posso ordenar que ninguém me ajude, posso pedir só. A maior parte ajuda, mas numa casa, e eu tenho os meus filhos, há certas lides domésticas que eu faço questão que já sejam eles a fazer por si, senão quando forem adultos como é? Por mim, nas férias faziam um plano e era uma semana para aprender essas coisas, ora cozinha, ora limpeza. Mesmo as camas, dantes era sempre eu que fazia tudo! Não quero com isto dizer que não quero fazer o meu trabalho porque eu sou paga pra isso, mas acho que os miúdos mais velhos deviam colaborar mais nesse sentido. Acho que era importante eles saberem apanhar a roupa, lavar, ir às compras... essas coisas.

E: Mantém contacto com alguma criança que já tenha abandonado a instituição?

E: Os que saem não costumam voltar aqui... a não ser que tenham cá irmãos ou primos. Isso sim, para isso vêm, mas quem é que quer vir visitar a chata da Ester? [risos]. Há dias encontrei uma miudita no Pingo Doce, trabalha lá, tava na caixa e desembaraçava-se bem... Ainda ficamos a falar um bocadinho. Quando me vêm falam sempre, mas vir cá não. Têm as suas vidas, é normal.

E: Da minha parte é tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que não tinha sido dito?

E: A única coisa que ficou por dizer é que precisamos de mais apoios... se o Estado se preocupasse mais é que fazia bem!

E: Muito obrigada pela disponibilidade.

E: De nada.

Transcrição da entrevista a um membro da equipa educativa (professor do ciclo)

I. Caracterização sociodemográfica

Nome: Hugo Sousa

Idade: 37

Género: Masculino

Habilitações literárias: Licenciado em Matemática

Estado civil: Casado

Tempo de permanência na instituição: 17 anos

II. Dimensão sociocultural

E: Sempre pertenceu à equipa educativa?

H: *De certa forma sim [risos] não, comecei aqui como voluntário... Ajudava as crianças nos trabalhos da escola e ao mesmo tempo ia fazendo uns biscates que era preciso. Quando terminei a licenciatura e não tive colocação como professor é que pensei que podia ficar aqui, de uma forma mais presente se é que se pode chamar assim, e pronto, arrisquei e não me arrependo.*

E: É licenciado em matemática, nota que é mesmo esse o *bicho papão* entre as crianças aqui? Quais são as principais lacunas que elas apresentam a nível educacional?

H: *Grande parte das crianças aqui estava em fase escolar prematura quando chegaram... e eu acompanhei-as desde logo. Eu vi estes miúdos crescer, estes matulões que eram pirralhinhos quando cá chegaram [risos]. É claro que têm dificuldades a alguns níveis e a matemática é a disciplina em que isso se nota mais porque é preciso um estudo constante e eles têm preguiça muitas vezes. Ainda assim posso dizer que não são maus alunos... não. São razoáveis, têm as suas dificuldades, alguns levam mais tempo a aprender uma determinada coisa e é claro, temos que insistir com eles. Mesmo assim há um esforço por conseguir manter um plano de estudo, um local de estudo aqui na casa... há uma insistência pela criação de hábitos de estudo. Eles já sabem quando é pra estudar a brincadeira não entra!*

E: Na sua opinião, os comportamentos que as crianças apresentam são influenciados pela associação?

H: *Quando cá chegam, as crianças já têm uma certa personalidade formada, mesmo que sejam pequenas. Ainda assim, quanto mais cedo vêm para aqui, mais fácil é a adaptação e fazer delas algo bom. Quando chegam numa idade mais avançada é mais difícil lidar pois já têm uma personalidade muito vincada... na adolescência então é complicadíssimo, acham-se os donos da razão, estão revoltados, pra eles isto é tudo careta, é o fim do mundo e só acham que lhes queremos mal. Eu acompanhei muitas crianças, oh crianças... jovens, já são jovens! Hoje estão quase a sair daqui mas estão cá desde pequenas, via-as crescer e essas, sem dúvida que temos influência naquilo que são hoje. Nós somos a referência delas...*

E: As crianças estabelecem uma relação de confiança consigo?

H: *Sim claro... Eu estou com a sala do ciclo e secundário... ou seja, já são adolescentes e jovens... Têm dúvidas, problemas. Os rapazes, por exemplo, não se sentem à vontade pra falar de certos assuntos com as doutoras, não é? São todas mulheres... Falam muito comigo. Mesmo as raparigas... Talvez por serem as doutoras [modifica o tom de voz, enfatizando] sentem que se contarem alguma coisa, alguma asneirita vão ser responsabilizadas por isso de alguma forma. Aqui somos todos amigos, somos uma família... Organizo jogos de futebol aqui com os rapazes ou misto, vamos ao clube de ping pong... Isto sim, por grande influência minha que pratico há vários anos... às vezes lembramo-nos e saímos todos juntos à noite pra beber um copo. Eles adoram isso porque vêem em mim um amigo, e eu neles claro. O importante aqui é estabelecer limites, para eles entenderem que quando estamos na sala é para trabalhar e tem que haver respeito, quando estamos no clube, lá fora ou noutra sítio já pode haver espaço para alguma liberdade. É muito importante definir espaços e limites nestas idades, senão confundem tudo.*

E: Considera que o ingresso na Associação Protectora da Criança contribui para uma alteração da trajetória de vida da criança ou do jovem?

H: *Penso que sim. A maior parte deles vivia mal antes de vir pra cá. Quando chegam há choro, ao início é complicado porque é tudo estranho, afinal esta não é a casa deles, mas há medida que o tempo vai passando vão tomando consciência de que afinal até é bom estar aqui, até somos todos porreiros [risos] não os condeno, passaram por muito. Mas sim, aqui conseguimos oferecer uma certa qualidade de vida que não tinham, muito graças às parcerias que temos senão nem nós conseguíamos oferecer isto. Há crianças com*

necessidades especiais, são precisas consultas em várias áreas, palmilhas especiais, óculos... uma série de coisas. Temos um protocolo com uma clínica dentária por exemplo que proporciona às crianças uma boa saúde oral e isso é bom porque é uma das áreas em que mais precisam. E depois há o resto, os extras: os escuteiros, o ping pong, o hip hop, a piscina... Isto não é uma casa, há coisas que faltam, não conseguimos contar histórias a cada um para adormecer, mas somos uma família à nossa maneira. Se algum deles estiver mal à noite eu venho logo.

III. Dimensão socioinstitucional

E: Na sua opinião a Associação cria condições para que as crianças consigam ser autónomas no futuro?

H: *Eu penso que sim. É o que tentamos fazer... Damos-lhes responsabilidades conforme as idades, trabalhamos com elas nesse sentido, mas é obvio que muita coisa vão aprender sozinhas, vão cair e ter que se levantar sozinhas. Elas sabem que agora têm o nosso apoio mas não vai ser sempre assim, porque não temos condições para isso e nem acho que eles iriam achar piado estarmos sempre na sombra delas [risos].*

É importante pensarmos que aqui as crianças têm um ambiente mais saudável do que aquele em que viviam, mas claro, estamos a falar de uma instituição que apesar das inúmeras ajudas ainda apresenta muitas carências, principalmente no que diz respeito ao material por exemplo. O B¹ tem sérios problemas de saúde e psicológicos, precisava de ajuda especializada, que infelizmente não lhe conseguimos dar. Tentamos mostrar aos internos que nada cai aqui do céu, e as coisas conseguem-se através do esforço... Gostava que eles tivessem um computador para cada um, onde pudessem fazer os trabalhos da escola, e eles também gostavam, mas como se costuma dizer, quem não tem cão caça com gato não é? Eles vivem em comunidade e aprendem muito cedo que primeiro: na vida há limitações; e segundo: a partilha é uma coisa fundamental aqui. Isto também é o legado da associação com o qual eles crescem e levam para o mundo.

¹ Letra identificativa da criança.

E: Como é que se desenrola a relação entre a instituição e a escola?

H: *Há sempre comunicação entre nós e a escola. Essa parte está a cargo de cada educadora das crianças, das doutoras da equipa técnica... Se bem que eu também estou a par. Há sempre comunicação, quer por escrito, os recados na caderneta, quer por telefone ou pessoalmente. A escola deve ser informada da atual situação da criança e nós aqui também precisamos de saber como se desenvolve o desempenho da criança na escola, principalmente ao nível do comportamento. As crianças têm altos e baixos, há dias em que estão muito bem dispostas e no dia seguinte, por ser uma data especial, que lhes lembre a família de origem ou não, depende... Já estão de mau humor e isso revela-se em agressividade para com os colegas da escola principalmente. São coisas que acontecem, que até pode ser compreensível devido às situações em si mas é algo que não podemos deixar passar impune, não se pode permitir certas coisas, muito menos passar a ideia de que estas crianças são coitadinhas.*

E: Na sua opinião, existe alguma relação entre a classe social de origem da criança e a sua situação de risco?

H: *Isso é transversal à sociedade, há em todo lado. Os meios desfavorecidos podem ser mais vulneráveis e por isso este tipo de coisas acontece mais aí, mas não é regra.*

E: Da minha parte é tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que não tinha sido dito?

H: *Só queria acrescentar que fazer a diferença é ótimo, mesmo com dificuldades... Isto não é fácil, é preciso gostar muito... Se precisarem de mim à noite eu venho, venho sempre... Isto não é um trabalho como outro qualquer, em que há aquele horário estandardizado que é cumprido e pronto... Faço mais de 8h por dia aqui, isto tem que ser encardo como um trabalho a 24h porque as crianças estão aqui e não há nenhum botão para desliga-las! Ver esse trabalho reconhecido é gratificante, obrigado.*

E: Obrigada eu pela disponibilidade.

Transcrição da entrevista a um elemento da equipa técnica da Associação Protectora da Criança (Diretora técnica)

I. Caracterização sociodemográfica

Nome: Sofia Matos

Idade: 35

Género: Feminino

Habilitações literárias: Licenciada em Serviço Social

Estado civil: Casada

Tempo de permanência na instituição: 10 anos

Sempre desempenhou o cargo de diretora técnica? *Não... Comecei como voluntária quando ainda estava a estudar... Ajudava as crianças nos trabalhos da escola, a minha mãe [coordenadora] já trabalhava aqui por isso sempre tive aquele bichinho. Quando terminei o curso tive a oportunidade de integrar a equipa técnica, entretanto os membros dessa equipa tiveram que deixar e surgiu a oportunidade de constituir uma nova equipa, nova, jovem e cheia de ideias e projetos. E assim foi, até hoje.*

II. Dimensão sociocultural

E: De que forma se processa o acolhimento de uma criança que chega à instituição pela primeira vez? E a saída de uma criança?

S: *Nós não sabemos como é a criança que vai vir... Ela é indicada pelo tribunal, na maior parte das vezes, ou pela Comissão e somos notificados. Tentamos saber daquilo que a criança gosta, do que não gosta... Quando chega, a criança é recebida por uma só pessoa, aquela que irá ser responsável por ela, e é esta pessoa que mostra a casa, que estabelece os primeiros contactos. Depois é que a criança é apresentada ao resto das crianças... é sempre num ambiente de festa, tentamos acolher da melhor forma porque sabemos que se trata de uma situação delicada. Ou porque é a primeira vez que a criança está a ser institucionalizada, ou porque já veio de outro sítio e é um choque na mesma, pois deixou amigos, faz comparações... Hum, portanto... Ah! Em relação à saída, normalmente ocorre quando se trata de alguém que é maior de idade e opta por sair. Ou seja, o facto de um jovem*

fazer 18 anos não simboliza que tem necessariamente de sair. Não. Temos que ter a certeza que será autónomo no futuro e que é capaz de levar uma vida plena, com dificuldades, como toda a gente no início... Mas é fundamental um grande apoio por trás. Por isso é que inicialmente é criada uma semi-independência, ou seja, o jovem pode já estar a trabalhar e continuar aqui até juntar algum dinheiro e quando se sentir preparado sai, com a nossa ajuda na busca de apoios, casa...tentamos incutir um acreditar nas capacidades e reconhecimento de que na realidade, ao contrário do que muitos pensam quando cá chegam [à associação] são capazes de fazer alguma coisa no futuro e tornar-se cidadãos de sucesso mas claro, a saída é sempre um momento estranho, há alegria, sentimento de trabalho feito, realizado com sucesso, mas por outro lado é sempre uma perda. Às vezes há choradeira [risos]. Depois há aqueles casos de saída sem querer... O que quero eu dizer com isto? Como o caso da Joana, você mesma viu, ela consumia drogas... Das pesadas como se costuma dizer... A saída dela foi um aparato, teve que vir cá a polícia, ela estava mesmo revoltada, não estava em si, não era ela... Foi para a reabilitação. Estes casos, que são esporádicos... são... É mau... hum... Pra todos não é?

E: Considera que o ingresso na Associação Protectora da Criança contribui para uma alteração da trajetória de vida da criança ou do jovem?

S: Sim, claro... É claro que no início, é natural que haja muita revolta por parte das crianças... Ser retirado do meio onde vive, do ambiente onde se está, por muito mau que seja é sempre um choque, é sair da zona de conforto e entrar num meio desconhecido. Há medos, receios e é isso que tentamos colmatar, mostrar que somos uma família, por isso sim, proporcionamos melhor qualidade de vida, hum... Sim, melhor qualidade de vida... Proporcionamos coisas aqui que eles não tinham, nem podiam ter. O B e os irmãos, por exemplo, moravam num barraco, chovia lá dentro, não tinham condições. Ele e os irmãos dormiam em beliches mas a casa era tão pequena que ele tinha que ter cuidado para não bater com a cabeça no teto... não conseguia sentar-se na cama por exemplo, tinha que entrar e sair da cama deitado quase senão batia com a cabeça! Depois com o cancro da mãe as coisas pioraram ainda mais. Temos dificuldades financeiras, carências, não somos uma super associação, mas tentamos ser [risos]. Agora em relação ao futuro deles, claro que há casos de resistência não é, tratam-se de opção de vida e não há nada a fazer. Por exemplo o que é bom para mim pode não ser bom para eles e nós temos mais é que respeitar. Quando elaboramos um projeto de vida temos que, ter sempre em conta o que o outro quer, porque é

assim ate podemos fazer uma coisa muito bem feita mas não vai de encontro ao que eles querem, não adianta portanto... Tem que ser um passo de cada vez.

E: Como caracteriza as crianças da associação?

S: No início, quando chegam, diria que estão perdidas, sem rumo, desmotivadas e com baixa autoestima... Pensam sempre que são as piores do mundo, e que esse mundo, o delas, se está a desmoronar. Têm muito sentimento de culpa. Trabalhamos com elas no sentido de alterar esta posição, queremos sempre mais e mais delas porque são capazes! Quando saem daqui, já vão diferentes... temos o caso do 3², foi aos Ídolos mostrar o que valia, escreve muito bem, já foi aliciado a escrever um livro! Isso é enorme, é muito bom para nós e para eles [risos]. São sobretudo crianças e jovens normais, tal como as da idade deles, apenas passaram por coisas pelas quais ninguém deveria passar.

E: Nota que há um interesse por parte dos pais e familiares em relação às crianças?

S: Cada caso é um caso. Não se pode generalizar... há pais, ou familiares, depende... Que nunca mais viram os filhos desde que eles aqui estão. Outro que vêm religiosamente todas as semanas, mas isso é raro. Acontece pouco... Infelizmente às vezes notamos que as crianças sentem falta de um telefonema dos pais, e aí agimos. Temos que ser nós a ligar aos pais e dizer: “não acha que devia ligar ao seu filho esta semana?” Temos que lhe puxar as orelhas, e assim as crianças ficam bem porque não sabem que fomos nós que demos o empurrão. Elas vão ser sempre pelos pais porque no fundo, apesar de por vezes eles virem cá e elas não lhes passarem cartão, são pais, e elas preocupam-se com eles. Tem que haver um esforço de parte deles também. Por vezes nota-se mesmo desinteresse da parte deles. Têm a resposta dada, não é verdade e pronto quase... [pausa] não posso dizer... as vezes tenho um certo receio nas palavras que uso, também são fatais, há palavras que são fatais... É uma questão de responsabilizar... ok, eles estão lá, têm todos os cuidados e pronto. Depositam total confiança aqui e esquecem um pouco as crianças. Aparecem nas festas de calendário... Natal, Páscoa... os que aparecem. Há pais que não estão autorizados a ver os filhos, é certo... outros que estão com eles ao fim de semana, mas isso chegará?

² Número identificativo do jovem.

III. Dimensão socioinstitucional

E: Quais são os maiores problemas que consegue detetar a nível institucional?

S: Eu penso que o grande problema principal será a enorme quantidade de crianças. Apesar de ter conhecimento que existem colégios com um número bastante maior de internos, tenho consciência de que o número de crianças, quando menor for, maior é o sucesso do nosso trabalho, e no fundo, assim há uma maior aproximação ao conceito de família, não é? Atualmente há uma certa utilização excessiva das instituições, e a verdade é que as dimensões físicas das casas não comportam tanta gente. O certo seria termos um quarto para cada criança, ou pelo menos duas crianças por quarto, o que é impossível aqui, tal como na maior parte dos lares que conheço. É verdade, sim, que as crianças aqui têm melhores condições do que aquelas que estavam habituadas, mas isso não significa que isto sejam as melhores condições que elas poderiam ter, é relativo. Os apoios também não são muitos... vivemos muito da caridade local. É também importante que se tenha consciência de que este é o único meio de proteção social que existe, ou pelo menos o único usado.

E: Quais as principais formas de divulgação da instituição e o trabalho desta junto da sociedade?

S: Somos conhecidos aqui na comunidade, Valadares não é um meio muito grande e como estamos aqui mesmo no centro, é fácil de sermos notados. Para além disso desenvolvemos uma série de projetos que nos dão um certo reconhecimento. A feira de Natal que organizamos todos os anos para angariação de fundos por exemplo... as crianças dividem-se em grupos e cada adulto que pertence aqui, um professor, um funcionário, a psicóloga... Fica encarregue desse grupo e de fazer algo para vender: bolos, bijuteria, muita coisa... a comunidade é chamada a visitar a feira e assim vamos criando relações.

Todos os anos a Junta de Freguesia de Vilar do Paraíso proporciona às nossas crianças duas semanas de praia, assim as crianças podem conviver com outras da região, é muito positivo para elas.

A vitória do João Paulo no programa da TVI e o prémio que nos ofereceu deu-nos uma visibilidade enorme... Foi ótimo, nós agradecemos imenso estas ajudas porque realmente precisamos de tudo aquilo que um lar dito normal precisa: alimentos, produtos de higiene, roupas, material escolar... Pela TVI, por meio do Manuel Luís Goucha ganhámos também tratamentos dentários gratuitos para as crianças na Malo Clinic, este reconhecimento, o aparecer na televisão, nos jornais, as nossas participações nas

caminhadas de solidariedade, as parcerias que temos dão-nos visibilidade e uma grande ajuda... Aliás, eu costumo dizer que tudo se consegue, com grandes esforços financeiros de nossa parte, parcerias e ajudas.

E: Que tipo de parceiros locais têm?

S: Contamos com muita ajuda a nível individual. Pessoas que vêm cá e deixam sacos e sacos de roupa ou brinquedos... Isso é bom. Tem também o seu lado negativo, quando muita gente tem uma atitude de despejo daquilo que já não quer, não gosta e está a ocupar muito espaço em casa. Isso é mau... Hum, muita gente vem cá trazer coisas que já estão danificadas mesmo, às quais não conseguimos dar utilidade e isso é que é mau neste âmbito. Penso que apesar de tudo as pessoas deveriam ter consciência que estas crianças e jovens que aqui estão não são pobrezinhos a quem tudo serve, e a instituição não é nenhum local de despejo. Há de tudo... Mas há muita coisa boa, às vezes até roupa com etiqueta recebemos! [risos]

Em relação aos apoios de nível organizacional, são também vários... a parceria com a clínica dentária de quem falei, mas também a nível alimentar... Recebemos todos os dias alimentos do Pingo Doce, aqueles produtos que ainda estão bons mas por ser do dia anterior não se podem vender vêm cá parar, tal como os produtos em que o prazo está a terminar... o mesmo acontece com a mercearia e a padaria locais, que nos dão fruta e bolos do dia anterior. Estão bons, mas não dá para vender e como sobra, antes que deitem fora, nós aproveitamos. Vai sempre alguém buscar esses produtos na carrinha pela manhã...

E: Na sua opinião, existe alguma relação entre a classe social de origem da criança e a sua situação de risco?

S: Há um grande estigma na sociedade... Se a criança está em risco, ou perigo, é porque é pobre. Temos sempre a noção de que o dinheiro soluciona tudo e com ele fazemos tudo. É ótimo ter dinheiro, ajuda sim, mas o que estas crianças mais precisam é de amor. Este é o pilar de uma relação entre pais e filhos e quando há uma situação de risco é porque esse pilar não existe, ou era fraco e caiu. Ou seja, quero com isto dizer que isto pode acontecer tanto num meio favorito como desfavorecido... Isto no âmbito da negligência, do mau-trato infantil. Depois há o outro lado da moeda... Há casos em que esse pilar está lá, mas por causa do dinheiro não há condições para a criança permanecer com os familiares. Aqui estamos perante casos de carência financeira, ou doença... Quando não há dinheiro para comer, muito menos para medicamentos. Quase todas as crianças que estão aqui são medicadas... Por isso mesmo a falta de dinheiro pode levar a esse risco, sim, mas não se pode

generalizar. Quando estamos em meios favorecidos a situação de risco é camuflada, mais difícil de descobrir e de intervir... ao contrário do que acontece noutros meios, porque nestes, toda a gente já espera que isso aconteça, há ideia de que é normal não é? E na verdade, a maior parte das crianças que estão aqui connosco vêm realmente de meios pouco favoráveis.

E: Lidar com as crianças é um desafio cada vez maior, sendo que elas vão apresentando exigências cada vez maiores, como respondem a isso?

S: Através de formação. A formação é essencial atualmente... Reconheço que essa parte fica muitas vezes esquecida, mas é importante fazer ações de formação não só para as crianças, como já se faz, direcionadas para problemas atuais, mas também para nós, para os professores e funcionários, para que possam lidar melhor com as novas exigências que se colocam no nosso caminho diariamente, embora isso nem sempre seja possível. O conhecimento pode considerar-se como o principal capital das organizações e encontra-se, efetivamente, no conhecimento individual dos colaboradores e na capacidade em aprender e inovar coletivamente. E depois há outro aspeto, de que me fala na pergunta, a liderança. Hum, é crucial... na medida em que é impulsionadora das mudanças e é a força básica por detrás de uma mudança positiva. O líder, através da comunicação correta e de um adequado esforço de reconhecimento, precisa de estar constantemente preocupado em manter a motivação do seu liderado. Quanto maior é a participação do trabalhador, maior é o seu compromisso tanto com o trabalho como com a organização.

E: Da minha parte é tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que não tinha sido dito?

S: O fundamental foi dito... Se pegarmos numa folha e numa caneta haveria talvez muito a dizer, mas de momento não me ocorre assim mais nada... acho que nós fazemos a diferença e tentamos fazer um trabalho de qualidade [risos].

E: Muito obrigada pela disponibilidade.

S: Obrigada eu.

Transcrição da entrevista a um membro da família de uma criança institucionalizada

I. Caracterização sociodemográfica

Nome: Clementina Soares

Idade: 67

Gênero: Feminino

Habilitações literárias: Sem habilitações

Estado civil: Divorciada

Grau de parentesco com a criança: Avó

II. Dimensão sociocultural

E: Como define o seu neto?

C: *É muito alegre, cheio de energia... Porta-se mal as vezes, mas é amigo e muito meigo. Ele não teve uma vida fácil, e isso vê-se agora em algumas das atitudes. Mas é um bom menino, tem bom coração.*

E: O que levou ao vosso afastamento?

C: *Ai não estamos afastados nós... Eu vou vê-lo sempre que posso e estou sempre com ele, ele sabe. Quando estava grávida dele, a minha filha andava com o vizinho e o pai do menino descobriu tudo, deixou-a... Foi-se embora e não quis saber. Ele também já tinha sido preso por causa da droga e agora nem sei se já deixou isso. Quando a minha filha teve o bebé veio logo pra minha casa, ela vivia com o marido no Porto mas depois dele a deixar ela também já não quis ficar na casinha que eles tinham os dois. Fui eu que criei o N³ desde pequenino... Quando ele tinha três anos a minha filha meteu-se na droga outra vez e fugiu com o tal vizinho com quem ela andava. O N tinha muitas saudades, estava sempre a perguntar pela mãe, mas eu nem queria saber... Deixar assim o menino, ir embora sem dizer nada? Lembro-me como se fosse hoje, dia 20 de agosto... Um dia ligaram-me do hospital, por causa dela, a perguntar se a podiam trazer pra casa, eu disse que sim, por mais que uma pessoa negue a*

³ Letra identificativa da criança.

filha pelas asneiras que ela faz o coração fala mais alto. Ela chegou de táxi, eu paguei e mal podia olhar pra ela, estava magra menina, pesava uns 35kg, estava suja, toda negra porque o outro lhe tinha batido... Só lhe disse pra ir tomar um banho, mais nada.

E: Qual foi a reação do N ao rever a mãe?

C: Ele reagiu muito bem, era o regresso da mãe que ele mal conhecia, aquela coisa da novidade. Ele aí já tinha uns 7 anitos, e a própria mãe tentou criar uma relação com o menino, já não estava metida nas drogas, andava à procura de trabalho e já tinha deixado o outro. Às vezes o menino zangava-se com ela, eles dormiam juntos, aqui não tínhamos mais espaço e eu dizia: “N, se quiseres dormes comigo, senão dormes com a mãe”... ela tinha o vício de fumar, eu dizia sempre pra ela ir lavar a boca depois do cigarro e ela as vezes esquecia, era aí que o N não suportava por causa do cheiro, chegava a insultá-la até! Vivíamos assim, até ao dia em que ela se foi embora outra vez. Fugiu com o tal vizinho outra vez e eu não sei nada deles, ouvi dizer que se tinham mudado pra longe, mas não sei... ela foi burra. Tá na droga outra vez, pois. Isso é que estragou o meu menino, isso ele não aceitou... Ficou triste, sentiu-se abandonado claro! Ele agora fala da mãe, mas não quer saber, não liga.

E: Já não existe qualquer tipo de ligação entre o N e a mãe depois deste episódio?

C: Não, já não nem vale a pena. Ele não fala muito nela, nem se importa em querer saber onde ela está. Tem medo do que possa acontecer e de se desiludir outra vez. Ele próprio diz que a única pessoa que ele tem sou eu, preocupa-se muito com a minha saúde sabe... [pausa] não temos muita família... Eu tenho mais duas filhas que estão mais longe, essas é que estão bem, não são iguais a outra, e então somos só nós mesmo.

III. Dimensão socioinstitucional

E: Consegue acompanhar o seu neto na escola? O que é que as doutoras lhe dizem?

C: Antes era sempre eu que o acompanhava, eu nem sei ler nem escrever, nas avaliações tinha que marcar o dedo, e a verdade é que eu não percebia muito daquilo, mas tentava e estava sempre lá quando era chamada. Sempre percebi que ele tinha alguns problemas, uma vez fui lá chamada porque ele tinha mandado com cadeiras à professora. Teve processo no tribunal e tudo. Ele é meigo para os colegas e se uma pessoa fala com ele percebe isso, mas

depois daqueles episódios com a mãe, depois dela ir embora ele ficou mais agressivo com as professoras. Ele não gosta de ser contrariado, perde a cabeça facilmente... Por exemplo uma colega dele que mora aqui no bairro, é mais nova mas tá na turma dele, contou-me que estavam todos na sala e um miúdo atirou um papel ao N, ele estava a frente e esse miúdo atrás... O N virou-se pra trás, a ver quem lhe tinha atirado com o papel, a professora viu e chamou-o a atenção... Ele fica logo nervoso quando não tem culpa – ele só olhou pra trás, não tem mal nenhum – e chamam-no a atenção... Enerva-se facilmente, pra isso tem a medicação, tem que tomar. O problema dele é que as professoras já sabem como ele é, o que está pra trás e tudo o que acontece é por culpa dele, ele quando se sente injustiçado fica furioso e não se controla.

E: Quando tem conhecimento desses episódios, e uma vez que não sabe pelo N, o que faz? Fala com ele, neste caso, defende-o?

C: Pois, eu sei por outras pessoas, essa miúda que anda na turma dele ou pelas doutoras, ele não me conta muito... É raro contar-me algum episódio, eu é que puxo por ele e aí ele fala. Mas não tendo defendê-lo... Sei quando ele tem a sua razão porque as professoras qualquer coisa de mal é o N, ele tem que ter sempre culpa, e eu não gosto disso não é? Mas agora em frente ao miúdo dou sempre razão as professoras. A doutora disse que tinha que ser assim, porque senão ele nunca vai perceber que a professora é uma pessoa que ele tem que respeitar sempre...

E: E com os colegas, tem conhecimento de algum episódio mais agressivo?

C: Não... Ele discute, tem aquelas zangas mas nada de especial. Ele com os colegas é meigo e é um bom amigo. Claro que as vezes está na brincadeira com eles na sala, a professora chama a atenção e se a culpa não é dele vai-se logo aos arames e acusa o colega culpado, mas não é de bater nem nada disso. Ele reage pior com as pessoas mais velhas, com as professoras, pronto.

E: Na sua opinião, a associação está a contribuir para que o N tenha um futuro melhor?

C: É assim... [pausa] é claro que a instituição faz muito pelo meu menino e dá-lhe muita coisa que eu não lhe poderia dar. Ele aqui tem um acompanhamento que eu não lhe posso dar em casa, mesmo por causa da escola, percebem mais das coisas e tudo, mas é claro que eu preferia ter o N em casa, comigo não é? Na altura quando o levaram eu estava muito doente e tive de ser internada, e achei por bem ele ficar lá, até porque passamos necessidades e ele

foi abandonado pela mãe, mas agora quero que ele venha pra minha casa outra vez... ele vem aos fins de semana, nas férias e assim, mas isso não me chega. E eu por muitas dificuldades nunca vou deixar que nada falte ao N...

E: Sendo assim, considera que a associação não coloca obstáculos quando quer visitar o seu neto, a própria localização ajuda...

C: Sim, sim... Explicaram-me que isto das instituições tenta-se fazer por zonas, os meninos que lá estão dentro são daqui da zona. É perto, vou lá sempre que quero, só tenho que avisar antes, falar com as doutoras... Às vezes dizem-me qual é o melhor dia e a hora prás visitas, depende do comportamento dele e assim. Mesmo quando eles fazem aqui alguma atividade ou saem pedem-me pra vir buscá-lo depois... Mas não sinto que me prendem aqui o menino, não.

E: Da minha parte é tudo, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa que não tinha sido dito?

C: Não, acho que não...

E: Muito obrigada pela disponibilidade.

S: Obrigada eu menina.

ANEXOS IV

Imagem 1- A Associação - fachada



Fonte: *Associação Protectora da Criança*

Imagem 2- O parque infantil



Fonte: Autora

Imagem 3, 4 e 5 – Os quartos azul, laranja e das riscas



Fonte: Autora

Imagem 6 – A sala de estudo



Fonte: Autora